

LEITURAS CRÍTICAS DE ESPETÁCULOS DO FESTE_2023.

No Quintal do Mundaréu: espetáculo que precisa sincronizar seu ritmo, por Alexandre Mate.

Na atualidade, e basicamente desde os enfrentamentos às barbáries praticadas durante a ditadura civil-militar brasileira, diversos segmentos sociais passaram, objetiva e militantemente, a lutar por seus direitos de existir, de modo digno. Movimentos ditos de “minorias”, sobretudo pelas experiências decorrentes das lutas contra a carestia, coordenadas pelas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs, riscaram o chão e enfrentaram o “dragão da maldade”. A produção teatral brasileira passou a desgarrar-se, de modo veemente, tanto temática como estruturalmente, das formas derivadas do drama. Das lutas travadas nos espaços públicos, nascem um novo modo de produção teatral e as sementes de um significativo contingente de luta.

Em alguns lugares do mundo (sobretudo aqueles não aprisionados pelos fundamentalismos religiosos), o movimento de libertação das amarras contra a opressão feminina tem caminhado de modo muito significativo. Um dos marcos desse processo foi a queima pública de sutiãs, ocorrida em 7 de setembro de 1968, pelo *Women’s Liberation Movement*. Muitos lances depois deste marco libertatório; muitas reflexões sobre os processos de luta; muita luta aferrada contra as formas de opressão; infimas narrativas – pouco divulgadas – sobre as ações específicas. Desse modo, os movimentos de luta das ditas (e invisibilizadas) “minorias” têm lançado mão dos mais diferenciados estratagemas estratégicos para existir.

Muitos espetáculos teatrais, do ponto de vista temático, têm se estruturado a partir de questões essenciais e que transgridem a subjetiva do individualismo. As reflexões de Simone de Beauvoir, Margareth Rago, Michelle Perrot, Angela Davis e tantas outras pesquisadoras têm servido de base a significativas reflexões disponíveis. Tomar as questões feministas significa, também, conhecer, de algum modo, as reflexões de tais mulheres.

Luiz Laranjeiras, dirige o espetáculo *No Quintal do Mundaréu*, apresentado no belo Bosque da Princesa, em Pindamonhangada, que fez parte da 45ª edição do Festival Nacional de Teatro de Pindamonhangaba – Feste (2023). Laranjeiras, como comumente é conhecido pela comunidade teatral, dentre outras práxis, participou do excepcional e inesquecível Ventoforte, criado e dirigido pelo maravilhoso Ilo Krugli. Laranjeiras é um dos filhos do Ventoforte e, formalmente, pode-se perceber toda a poética e saberes no *Quintal...* por ele dirigido: do cortejo de entrada, às lindas imagens de cena, às inserções das danças e cantos, à essencialidade de diversos tipos de bonecos, à ciranda final.

O espetáculo faz parte da trajetória do Teatro do Imprevisto, coletivo teatral, de longa caminhada, originado em São José dos Campos. Em tese, o espetáculo (e possivelmente o coletivo) é formado por Carolina Marques, Cibele Tomaz, Izildinha Costa, Ricardo Salem e

Vivian Rau. Pela concepção de Laranjeiras, no espetáculo épico e mergulhado em teatralidade lúdica e popular, todo o conjunto canta, atua, narra, dança, manipula bonecos... O elenco está muito afinado e, a partir de determinadas especificidades, “saiu-se” muito bem; entretanto, “aprisionado”.

A paisagem (o Bosque da Princesa) é um espaço inspirador; do Bosque, com suas imensas árvores centenárias, é possível ver alguns lances do movimento serpenteante do lindíssimo Rio Paraíba (um patrimônio das gentes!); os figurinos coloridos (roupas, adereços cênicos e bonecos... lindos!); as tradições musicais e populares, dançadas e cantadas (Vivian Rau é um arrrrraso!!); a importância do tema é reconhecida e inquestionavelmente significativa, mas o espetáculo tem problemas de ritmo, decorrentes da falta de ensaios. Ao lado desta questão de ritmo, que pode ser recuperada (sobretudo em razão de o coletivo ter potencial para isso), a dramaturgia de texto, de acordo com apreensão pessoal, caracteriza-se na questão a ser vencida. Trata-se de uma narrativa episódica nas quais alguns de seus destaques (diferentes histórias) parecem não se completar e serem concebidas a partir de um certo e determinado olhar, que é bastante masculino.

De modo bastante sucinto, em razão de a obra ter sido bastante e respeitosamente discutida no bate papo, caracterizam-se “problemáticos” (na apreensão deste leitor crítico): a alusão às “batidas de Molière”; algumas expressões que descaracterizam a autonomia feminina, tributando ao masculino alguma saída para questões em jogo; certa crença de que uma personagem, alegoricamente, não possa representar tantas outras. Nesse particular, algumas narrativas contemplam diferentes mulheres, mas nenhuma delas é aprofundada. Para exemplificar, a alusão a Maria Elisa Alves dos Reis, considerada (oficialmente) a primeira palhaça do Brasil é superficial. Desse modo, se a dramaturgia de texto e de cena têm embricamentos, é preciso promover muitos esforços para que se libertem as línguas aprisionadas das mulheres do coletivo e do mundo tendo em vista as naturalizações orquestradas, consciente ou inconscientemente, das bocas manipuladoras dos homens.

Para finalizar, se se pode pensar a obra na condição de um manifesto, como um panfleto, como um grito que precisa ganhar os territórios e denunciar as opressões e as tantas seduções que se alicerçam, sobretudo, na corrupção emocional... não se pode abandonar nos processos de criação os chamados “lugares de fala”. Não se trata de um “deixar falar” (ninguém – principalmente quem está inserido/inserida nas “minorias”), mas de um caminhar de vacância, aberto e pleno, sem consentimentos ou concessões. É preciso buscar parcerias com Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Moema Viezzer, Maria Rita Kehl, Judith Butler, Marina Colasanti...

ps. – iria transcrever um poema de Marina Colasanti, mas apenas, e com algumas ressalvas, sugiro a leitura de *Sexta-feira à noite*.